



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

Prefiro morrer do coração

Eu prefiro morrer do coração. Sei que ninguém tem o poder de escolha sobre o ato final desse espetáculo que é a vida de cada um. Tragédia, drama, romance, comédia, ação... Palcos e estúdios onde os olhares e as câmeras estão sempre focados em você. Dias de luta, dias de glória, como canta o nosso poeta Choro.

Especialistas alertam que o tempo frio eleva os riscos de infarto e de

acidente vascular cerebral (AVC). Explicam que alterações fisiológicas provocadas pelas temperaturas mais baixas, como a contração dos vasos sanguíneos para conservar o calor e a aceleração dos batimentos cardíacos, culminam nesse cenário que merece atenção. Se for esse o caso, repito que prefiro morrer do coração.

Prefiro morrer do coração a viver a vida em busca de uma felicidade inatingível. Se o órgão que bate incansavelmente para nos manter de pé e ativos está sempre a postos, cumprindo a nobre missão, não serei eu a me apegar às tristezas que por vezes insistem

em nos agarrar pelos calcanhares como formiguinhas insistentes, pensando que conseguirão nos fazer morrer do coração.

Passear pelas tesourinhas vestidas de gramados confeitados pelas flores dos ipês é uma das experiências que provocam a sensação de se parar no tempo. Será que o congelamento temporário compromete nossa capacidade cardíaca? Então, deve ser mesmo melhor morrer do coração...

Morrer do coração pode ser um privilégio para os anciãos. Vida longa e partida rápida, sem sofrimento. O tempo nos permite jogar alvejante nas

memórias ruins e guardar espaços nas gavetas da mente somente para os sentimentos bons. Aqueles de fato muito traumáticos acabam virando amargura, é certo, mas se transformam também em aprendizado e, para os mais jovens que nos observam, veste a toga da sabedoria. Disso, nosso velho parceiro entende bem, o coração.

Subir ao palco sob uma salva de palmas digna de Oscar, Palma de Ouro, Jabuti ou Nobel. O frio na barriga se mistura ao marcapasso intenso de um artista, ativista ou cientista reconhecido e premiado. Digam, Fernanda, Wagner, Walter, Kleber, Itamar, Malala: será

tão ruim morrer do coração?

Coração é órgão forte, resiliente. Aguenta as pancadas e não reclama sem razão. Com ele, é oito ou oitenta. Judiou, tem que pagar. Arrebatou, ah, aí ele se entrega sem pensar. Enquanto o cérebro começa a rabiscar rotas e antecipar cenários, tentando buscar proteção na racionalidade, seu companheiro de batidas regulares já está imerso nas maiores ciladas. Esse coração...

Por essas e por outras, acredito eu, quem vive com intensidade tem o coração forte e pode ser que, no fim das contas, nem eu nem você morreremos do coração.

VULNERABILIDADE / O uso abusivo de drogas é uma realidade entre grande parte das 3,5 mil pessoas em situação de rua no DF. Moradores e comerciantes reclamam da convivência que agrava a sensação de insegurança

Vício impede políticas sociais

» NATHÁLIA QUEIROZ

Com mais de 3,5 mil pessoas em situação de rua, o Distrito Federal convive com uma realidade marcada pela vulnerabilidade e pelo uso abusivo de drogas. Na Asa Sul, uma das regiões mais tradicionais de Brasília, a convivência forçada entre moradores, comerciantes e a população em situação de rua expõe o desequilíbrio entre questões sociais, econômicas e de saúde pública.

Para a comerciante Renata Cabral Peres Espíndola, o problema ultrapassa a dimensão humanitária e atinge diretamente a segurança pública. Sócia de uma loja na 303 Sul desde fevereiro deste ano, ela relata episódios frequentes de consumo de drogas na quadra, além de já ter presenciado ameaças e furtos envolvendo pessoas em situação de rua. Renata atribui parte desses delitos a quem tem histórico criminal.

"Como o Centro Pop é aqui perto, tem muitas pessoas em situação de rua nas redondezas. Muitas delas são reincidentes do crime e ficam nessa situação. Um caso recente foi um homem que entrou na loja, importunou uma cliente e ameaçou funcionários com uma faca. Fiz o boletim de ocorrência, mas os policiais minimizaram o caso", relata

Minervino Júnior/CB



Lojistas e moradores avaliam que o consumo de drogas atinge diretamente a segurança pública

a comerciante, que acompanha o andamento do processo judicial. Segundo ela, o homem possui mais de 20 registros de ameaças, furtos e violência doméstica.

Cássio Rodrigues, que trabalha no comércio da 303 Sul há dois anos, conta que a situação afeta o cotidiano, principalmente devido ao incômodo gerado pela população que dorme na frente do comércio e deixa sujeira no local. "Não podemos expulsá-los, porque eles têm direito de estar onde quiserem, mas a sujeira é incômoda", conta.

A aposentada Maria José, 80, mora na 302 Sul e conta se sentir insegura. "Não temos condições de sair de casa à noite. As ruas da quadra ficam muito escuras. Não me sinto segura", afirma.

Uso de entorpecentes

Entre os inúmeros desafios enfrentados por pessoas em situação de rua, o uso de substâncias psicoativas aparece como um dos elementos mais visíveis e estigmatizados. Para Júlia Valladão, assistente social no projeto Formas

da Rua e especialista em direitos humanos, o uso abusivo de álcool e drogas pode ser a causa da situação de rua, quanto pode surgir como consequência dela.

"Há pessoas que fazem uso abusivo. Essas pessoas acabam se comprometendo financeiramente, quebrando vínculos familiares e vivenciando ou estando em situação de rua. Mas também há quem já esteja em situação de rua por outros motivos, por vínculos rompidos, questões financeiras que não têm relação com o uso, mas acabam utilizando

substâncias psicoativas e álcool, seja por conta do frio, da fome, para aguentar a violência cotidiana. São várias questões diferentes", explica Júlia.

Políticas públicas

Diante desse quadro, o Governo do Distrito Federal busca articular formas de apoio, como o "Acolhe DF" oferecem suporte. Por meio do acolhimento, prevenção e reinserção social para pessoas que enfrentam o uso indevido de drogas no Distrito Federal, 1.424 atendimentos foram realizados no programa somente em 2024, oferecendo suporte psicossocial a familiares de pessoas que fazem uso abusivo de álcool e drogas.

Além disso, o governo do Distrito Federal, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes) mantém 27 equipes de abordagem social, que acompanham e atendem a população em situação de vulnerabilidade com serviços de acolhimento, saúde, assistência e encaminhamento para programas de trabalho e moradia.

No entanto, a doutora em antropologia social pela UnB Izis Morais Lopes dos Reis considera as ações do GDF para essa população incipientes. "Temos somente dois Centros Pop, que são serviços fundamentais para garantir o mínimo de dignidade: banheiros, alimentação, espaço

para higiene de roupas. O Plano Piloto, que é o local com maior contingente de pessoas em situação de rua, possui somente um Centro Pop, na Asa Sul", relata. De acordo com ela, as vagas também estão muito abaixo da demanda.

Saúde mental

A reportagem buscou compreender os diversos fatores que levam uma pessoa à situação de rua. Segundo a especialista, questões relacionadas à saúde mental podem influenciar esse processo. "Os fatores mais comuns são quebra de vínculos familiares, questões financeiras, extrema pobreza, questões de violências prévias, já sofridas, que fazem com que a pessoa encontre na situação de rua uma liberdade que ela não encontrava dentro de casa", relata.

Esse sofrimento é agravado pelos estigmas que recaem sobre essas pessoas, e, além da invisibilidade, há uma constante negação dos direitos básicos. "Além de serem ativamente invisibilizadas, tanto pelo Estado, como pela sociedade, elas são tratadas como não merecedoras de qualquer direito que seja garantido. [...] O maior estigma é serem chamados de 'vagabundos', 'noiados', não são vistos como seres humanos", ressalta.

Vendas caem, e furtos e assaltos crescem

A sensação de insegurança entre os comerciantes de Taguatinga tem aumentado consideravelmente, especialmente devido à presença constante de pessoas em situação de rua na região central da cidade. A reportagem do **Correio** esteve no local para ouvir os lojistas e o relato foi unânime: as vendas caíram, e os casos de furtos e assaltos aumentaram.

William Silva, 28 anos, vendedor em uma farmácia há cerca de três anos, descreve a situação como opressiva. "Eles chegam intimidando, pedindo produtos da farmácia de graça. Quando a gente recusa, começam a falar em tom ameaçador. É uma situação muito desconfortável. A gente oferece água, tenta ajudar de alguma forma, mas eles sempre têm uma segunda intenção. Se vacilar, eles

furtam mesmo. Quando chego de manhã, eles estão sempre dormindo na frente da loja. Isso gera uma sensação constante de insegurança", relata.

De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Social do Distrito Federal (Sedes), atualmente há 173 pessoas em situação de rua na região de Taguatinga.

Andreza Farias, 30 anos, trabalha há 13 anos em uma loja de açaí no centro da cidade e afirma que a situação só piora a cada ano. "A insegurança cresce muito por causa disso. Os clientes deixam de vir porque também se sentem vulneráveis. Muitos em situação de rua ficam aqui na porta, pedindo coisas de forma insistente. Às vezes, até ameaçam os clientes que não atendem os pedidos. Isso constrange e afasta o público", afirma.

Segundo ela, as brigas entre essas pessoas em frente aos comércios são frequentes. "Todo dia, quando a gente chega, tem que pedir para eles saírem para podermos lavar as calçadas. Além disso, sofremos com os roubos. Os toldos da loja estão cortados porque eles furtam o alumínio. Vemos tudo pelas câmeras de segurança. Por causa disso, tivemos que trocar as portas da loja por modelos mais reforçados, porque eles tentavam arrombar durante a madrugada", conta Andreza. "Uma situação que me marcou muito foi quando um deles entrou na loja completamente nu, causando um grande transtorno."

Os moradores também relatam medo ao circular pela área comercial, mesmo durante o dia. Daniela Guedes Gomes, 47 anos,

moradora de Taguatinga desde que nasceu, afirma que nunca presenciou nada parecido. "Está cada dia pior. Eles estão cada vez mais abusados. Acham que podem tomar conta, sujam as portas das lojas, deixam restos de comida e ninguém pode fazer nada. Isso é muito desagradável. Vivemos com medo, porque nunca sabemos o que esperar. O cidadão acaba refém dessa situação", desabafa.

O gerente de um restaurante, que preferiu não se identificar, relata que a loja já foi furtada três vezes durante a madrugada, sempre por pessoas em situação de rua. "Eles roubam os toldos, que são caríssimos, e chegam a arrombar a loja. Sem falar no impacto direto nas vendas. Os clientes vêm, eles ficam pedindo nas mesas, os clientes se assustam,

Material cedido ao Correio



Comerciantes sofrem com o medo diário no centro de Taguatinga

pedem a conta e vão embora. Alguns não voltam mais", lamenta.

O **Correio** entrou em contato com a Secretaria de Desenvolvimento Social para saber quais

medidas estão sendo tomadas em atendimento às reclamações da população. Até o fechamento desta edição, a pasta não havia enviado resposta.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 15 de junho de 2025

» Campo da Esperança

Alex Júlio Dias da Silva, 31 anos
Ana Cristina Amoras de Moraes, 59 anos
Antonio Inoia Gomes, 91 anos
Clodomiro Baltazar da Costa, 68 anos
Dalci Martins de Oliveira, 72 anos
Edison Luiz Bastos Barbosa, 88 anos
Edson Sathler Figueiredo, 71 anos
Eudimar Maria Abreu Sousa, 69 anos
Luís Fernando Vieira Gastal, 76 anos

Luiz Carlos Faria Lima, 46 anos
Manoel Nazario Filho, 72 anos
Maria Nazaré Barbosa Tavares, 80 anos
Neiron Guimarães Souza, 94 anos
Ruth Sacchi Boeira, 80 anos
Severina Agostinho Alves, 78 anos
Valdina Moreira de Oliveira, 79 anos
Valterlei Santos da Silva, 54 anos

» Taguatinga

Celístia Rodrigues Pereira, 62 anos
Conceicao de Maria Pereira, 90 anos

Gabriel Levi Clementino Silva, 0 anos
Jorge Pereira dos Santos, 75 anos
Josimar Alves Batista, 51 anos
Luiza Luciana de Oliveira, 84 anos
Marcos Antunes Souto, 58 anos
Maria Aparecida de Sousa do O, 64 anos
Maria Da Paz de Holanda Guimarães, 80 anos
Maria Marina de Oliveira, 87 anos
Maria Nilda Teixeira Montenegro, 84 anos
Maria Silvério Ferreira, 86 anos

Miguelina Nunes de Godói, 85 anos
Onofre Jose da Silva, 93 anos
Servola Alves Barbosa, 58 anos
Tatiane Andrade Amorim, 46 anos

» Gama

Amália Rosa de Oliveira, 92 anos
Assis Da Silva Alves, 24 anos
Leonardo Alves da Silva, 30 anos
Maria Jose de Castro, 66 anos
Noé Barroso de Macedo, 73 anos

Sebastiana Alves Diniz, 61 anos

» Planaltina

Deusiane da Cruz Magalhães, 43 anos
Maria Pires Corsina Gomes, 78 anos
Paulo de Almeida, 61 anos
Salviana Anastácia de Oliveira, 68 anos

» Sobradinho

Ana Gabriela Alves Sampaio, 31 anos

Arlete Aparecida Martins Teixeira, 85 anos

» Jardim Metropolitano

Irismar Soares da Silva, 49 anos
Aurélio Alves de Aquino, 55 Anos (Cremação)
Antonia Rodrigues de Almeida, 64 Anos (Cremação)
José Júlio da Silva, 85 Anos (Cremação)
Cícero Lima de Moraes, 70 Anos (Cremação)
Paulo Cesar Teixeira Alves, 74 Anos (Cremação)